

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

VITÓRIA COELHO LOPES

UMA EXPERIÊNCIA DE TERREIRO EM COLAGENS E DESENHOS:
Notas (etno)gráficas

UBERLÂNDIA
2025

VITÓRIA COELHO LOPES

UMA EXPERIÊNCIA DE TERREIRO EM COLAGENS E DESENHOS:

Notas (etno)gráficas

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado do curso de Ciências Sociais.

Orientadora: Valéria Cristina de Paula Martins

UBERLÂNDIA

2025

VITÓRIA COELHO LOPES

UMA EXPERIÊNCIA DE TERREIRO EM COLAGENS E DESENHOS:

Notas (etno)gráficas

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Licenciatura e Bacharel do curso de Ciências Sociais.

Orientadora: Valéria Cristina de Paula Martins

UBERLÂNDIA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao meu Orí, por me permitir escrever esse trabalho melhor do que eu achava que conseguiria.

Agradeço à minha mãe Yemojá, pela vida e acolhimento, por se fazer presente em momentos que me senti sozinha. Por meio de suas águas salgadas, limpando meu peito.

Agradeço à Zé Pelintra, Maria Padilha Cigana, Maria Mulambo, Seu Ventania, Dona Menina, e todas as entidades que me aconselharam, abençoaram e me deram ânimo e força para realizar esse trabalho. Este é um trabalho conjunto!

Agradeço à minha noiva Ithala Gabrielle Ferreira Geamonond, por todo apoio, e por acreditar sempre em mim. Obrigada por mostrar meu potencial, me incentivar na finalização do curso e passar por todos os momentos de luta comigo. Não conseguiria sem você.

Agradeço à minha orientadora Valéria de Paula Martins, por acreditar na minha proposta, por incentivar o uso dos meus desenhos e por me fazer conhecer essa área de pesquisa dentro das Ciências Sociais. Você me inspira!

Agradeço ao Ilé Asé Alaketu Ogun Layo e todos que fazem parte da casa, por todo conhecimento e aprendizado que construí com vocês. Agradeço pela disponibilidade e por permitirem meu contato com minha ancestralidade.

Agradeço, também, a todos que são minha família: minha família de Uberlândia e de Araxá, meus amigos de curso, meu grupo Legalizou, minha amiga Marcela Ferreira, meu amigo Emerson Luiz e minha amiga Yana Passos. Obrigada por serem apoio quando nem eu esperava, e por me fazerem sentir a presença da espiritualidade.

Por fim, agradeço e peço benção a todos os meus antepassados, sei que cuidam de mim. E obrigada por mostrarem que mesmo não tendo a presença da minha família carnal sempre, minha família espiritual está comigo e me protege.

Iré orí ó jì
Ó jì iré orí

RESUMO

O presente trabalho é uma autoetnografia que aborda uma experiência de descoberta, identificação e autoconhecimento com a espiritualidade negra por meio do Candomblé, da antropologia e dos desenhos e colagens. Inicialmente, o trabalho aponta a importância do desenho para uma pesquisa etnográfica. Depois, o trabalho passa a analisar como se deram os primeiros contatos com a religião, numa visão de autoidentificação e autoconhecimento. Ao final, é discutido sobre o aprendizado como ekéjì dentro do Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, terreiro localizado em Uberlândia-MG. Dentro disso, é examinado como o desenvolvimento da visão como habilidade ativa e engajada, partindo da noção de educação da atenção (Ingold), treina o olhar para enxergar além do que está à primeira vista. Habilidade essa que é essencial para o trabalho espiritual no terreiro, para o trabalho etnográfico e para o trabalho artístico. O objetivo do trabalho é partir do conceito de escrevivência: uma escrita subjetiva, mas que se estende e abarca uma coletividade. Portanto, o trabalho inicia suas análises a partir de uma experiência individual, mas propõe reflexões e provocações que dizem respeito a uma coletividade que pode e tem contato com religiões afro-brasileiras: a espiritualidade pode ser um caminho para o autoconhecimento e para o resgate da própria origem.

Palavras-Chave: Autoetnografia; Desenhos; Espiritualidade; Sensibilização do olhar; Autoconhecimento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Colagem digital Etnografia do EU	14
Figura 2 - Trecho da versão física da colagem Etnografia do EU	15
Figura 3 - Colagem analógica, sem título.....	16
Figura 4 - Colagem digital feita de vários desenhos meus, sem título.	17
Figura 5 - Desenho lembrança da 1ª incorporação da Ithala	21
Figura 6 - Jogo de búzios.....	23
Figura 7 - Desenho, elemento do jogo: búzios.	23
Figura 8 - Colagem analógica, Mãe Ancestral.	24
Figura 9 – Desenho rascunho da obra Dona do Mar	26
Figura 10 - Pintura, Dona do Mar	26
Figura 11 - Desenho digital, Autoconhecimento.....	27
Figura 12 - Minha Linha do Tempo.	28
Figura 13 - Desenho, Yemojá.....	29
Figura 14 - Foto 3x4 do vô Manoel.....	31
Figura 15 - Desenho digital, Seu Zé	32
Figura 16 - Desenhos digitais de assentamentos (ibás).	33
Figura 17 - Desenho, receita do Padê de Seu Zé.	35
Figura 18 - Pintura, Oferenda para Zé Pelintra.	35
Figura 19 - Desenho do instrumento mágico das ekéjìs, o Adjá	37
Figura 20 - Sensação da radiação da energia no meu corpo.....	38
Figura 21 - Desenho do sonho com Seu Zé Pelintra	40
Figura 22 - Desenho, Exu	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. POR QUE O USO DE DESENHOS?	13
1.1. Partindo do EU.....	14
1.2. Contribuições dos desenhos para a pesquisa etnográfica	18
2. (RE)ENCONTRO COM A RELIGIÃO	20
2.1. Início do caminho.....	20
2.2. Chegando ao Ilé Asé Alaketu Ogun Layo.....	22
2.3. O Candomblé como caminho para autoidentificação	27
3. APRENDENDO A APRENDER NO CANDOMBLÉ	33
3.1 Uma ekéjì aprendendo a sentir.....	36
3.2 Uma antropóloga aprendendo a ver.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

“Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça sempre glorificarão o caçador.”

(Proverbio africano)

Este trabalho começou a ser gerado em 2022 a partir da leitura de *Memórias da Plantação* da autora negra e portuguesa Grada Kilomba. Nesse momento nasceu em mim uma inquietação de escrever minha monografia sobre um tema no qual eu estava incluída: eu, como mulher negra, sendo o sujeito que pesquisa e que produz sobre minha própria realidade e não o objeto “passivo” que é observado e fica submetido à visão de um pesquisador externo. Nas palavras de Kilomba, que abriram esses caminhos: “Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (KILOMBA, 2019, p. 27-28).

Contextualizando o termo “Outra”, a autora o conceitua como sendo a representação de pessoas racializadas no imaginário dos brancos, tidas como diferentes do ideal europeu, sendo classificados como selvagens e inferiores. Ou seja, na concepção colonialista do mundo, os brancos (europeus) são os humanos universais, enquanto todas as etnias e populações diferentes deles são os “outros”, carregando toda uma desvalorização social, econômica, emocional e psicológica como herança da colonização.

Em paralelo com essa inquietação, algo canônico estava acontecendo, minha vida estava entrando em um novo e curioso mundo para mim: meu primeiro contato com religiões afro-brasileiras. Também em 2022 eu fui pela primeira vez a uma casa de Umbanda e logo depois me encaminhei para um ilé¹ de Candomblé, onde me descobri *ekéji*². Me iniciei nesse caminho espiritual junto com minha noiva Ithala, namorada na época, que descobriu ter mediunidade de incorporação, sobre a qual falarei mais à frente neste trabalho. Diante de tudo isso, me veio a ideia de reunir dois aspectos da minha vida, os estudos acadêmicos e os estudos espirituais.

Para contribuir com a ideia de Kilomba, de escrita ativa, política e subjetiva, utilizo no trabalho o conceito de “escrevivência” da escritora e linguista Conceição Evaristo e a autoetnografia, descoberta a partir de meu contato com a monografia de Luyana Adrielle Almeida Ladislau, intitulada *QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: Uma*

¹ Casa em iorubá, templo da religião, Terreiro.

² Cargo feminino do Candomblé, responsável por invocar, cuidar, guiar e servir os orixás e entidades da casa. As *ekéjis* não incorporam os espíritos.

Autoetnografia sobre Educação Mediúnica por vias Espiritualistas, na matéria de Leituras Etnográficas ministrada por minha orientadora Valéria de Paula Martins. Esta matéria foi importante para a elaboração dessa monografia pois além de me inspirar na utilização dessa teoria e tema, me incentivou a utilizar meus desenhos e colagens na minha etnografia a partir de textos das autoras Aina Azevedo (2016) e Karina Kuschnir (2014), sendo um respiro para minha eu pesquisadora.

Segundo a autora Kuschnir (2014), “[...] a antropologia e desenho são modos de ver e também modos de conhecer o mundo”. Relaciono isso com a discussão que Miriam C. M. Rabelo propõe sobre o olhar e o aprendizado no candomblé em seu artigo *Aprender a ver no Candomblé* (2015), o aprendizado da antropologia, do candomblé e do desenho requerem o desenvolvimento de uma sensibilização do olhar, é tanto um requisito quanto uma ferramenta para conseguirmos olhar além do que está à primeira vista, para enxergar o que está invisível, o que é sentido e ver com o corpo e não apenas com os olhos. Para Ingold (2010), autor que também utilizo neste trabalho, o aprendizado de habilidades é adquirido a partir do envolvimento atento – olhar, ouvir, sentir – e da ação, ou seja, para o desenvolvimento de habilidades e do conhecimento o ser humano utiliza-se de todo seu corpo e da sua interação com o mundo: é o que Ingold chama de *Educação da Atenção*. Podemos considerar a educação da atenção tanto na etnografia, quanto no candomblé e nos desenhos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo principal falar sobre o aprendizado no candomblé a partir da minha escrivência: colocando minhas experiências, minhas análises e meus desenhos e colagens na centralidade da pesquisa, mas também utilizando relatos e experiências coletivas encontradas no campo, pois escrivência surge da subjetividade, mas representa uma coletividade:

“É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha.” (EVARISTO, 2020, p. 35)

Para isso, utilizo como modo de trabalho a autoetnografia, uma teoria de pesquisa antropológica voltada para análise crítica da experiência do próprio pesquisador em algum campo ou contexto sociocultural, é uma etnografia que parte da subjetividade do autor e da sua relação com o mundo. Santos caracteriza a autoetnografia como:

“[...] o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais

que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.)” (SANTOS, 2017, p. 219)

De modo semelhante com a escrivência, a autoetnografia tem como ferramenta a subjetividade para analisar o contexto que é individual, mas também, é coletivo, dando luz a vivências e situações que contemplem grupos e comunidades socialmente marginalizadas, como pessoas negras, indígenas, quilombolas e LGBTQs. Que é o meu caso. Sendo uma mulher negra, bissexual e candomblecista, meu cotidiano e minhas análises podem trazer outras realidades de pessoas semelhantes a mim. Destaco isso ao afirmar a importância das religiões afroindígenas para o autorreconhecimento e reconstrução das origens e da história de pessoas negras e indígenas no Brasil.

Ter contato com as religiões afroindígenas, em especial o candomblé, me permitiu conhecer sobre minha ancestralidade, trazendo respostas que a colonização não fez questão de preservar: quem são e como eram meus antepassados. Na religião, os guias que você carrega são seus parentes falecidos, pode ser uma avó, avô, tataravó, tataravô, por exemplo; e ao começar a desenvolver espiritualmente dentro da casa a ligação entre médium e entidade se aproxima por meio de recados, intuições e sinais indiretos. Além de que, segundo o Babalorixá³ Paulo⁴ ty Ogun, as entidades escolhem a linha de trabalho⁵ de acordo com suas próprias histórias em vida. Isso significa que, se você tem um boiadeiro (entidade) como guia, seu antepassado tinha uma ligação forte com a vida no campo, por exemplo.

Na pesquisa e estruturação do trabalho, este contém observações e análises da minha experiência de 2 anos e 4 meses dentro da casa de candomblé Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, entre os anos de 2022 e 2025. Sendo filha e *ekéji*, realizei anotações e produções artísticas do meu aprendizado e foi possível observar, também, o aprendizado dos filhos rodantes⁶ da casa, já que durante as sessões de trabalho (*giras*) a *ekéji* fica *acordada*⁷ - não incorpora - o tempo inteiro. Além disso, realizei entrevistas semiestruturadas com o Babalorixá do Ilé, Paulo ty Ogun e contei com sua mentoria e orientação espiritual ao longo desses meus anos de aprendizado dentro do seu ilé.

³ “Pai de orixá” em iorubá; pai de santo.

⁴ Babalorixá da casa de candomblé Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, da qual faço parte e onde realizei a pesquisa. O Babalorixá Paulo ty Ogun é meu zelador espiritual, com o qual tirei dúvidas ao longo desses mais de 2 anos no local, sendo meu interlocutor neste trabalho.

⁵ Linha de trabalho significa a “vertente” que as entidades escolhem trabalhar, como, linha dos caboclos, linha das pombagiras, ciganos, linha da malandragem.

⁶ Os rodantes são pessoas com a mediunidade para incorporação dos espíritos, entidades e orixás.

⁷ Utiliza-se, também, a expressão “dormindo” para pessoas que estão incorporadas de entidades ou orixás.

A presente monografia foi dividida em 3 capítulos, além das conclusões finais. No primeiro capítulo, dedico-me à explicação da minha relação com os desenhos, e porque escolhi utilizar essa ferramenta no trabalho, ou seja, como os desenho e colagens contribuíram para a realização da pesquisa. No segundo capítulo, parto para o relato da experiência no Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, descrevendo meu primeiro contato, minhas impressões, e como essa experiência trouxe um novo olhar para a ancestralidade: o de resgate. Já no terceiro capítulo falo mais sobre como se dá e como se deu o aprendizado no terreiro, utilizando autores como Ingold (2010) e Rabelo (2015) como base, além de inserir minhas produções artísticas para trazer mais elementos para as análises e considerações da pesquisa.

Destaco que em alguns relatos, entrevistas e descrições, aparecem as categorias nativas do campo, expressões, conceitos próprios, palavras. Nesses casos elas serão demarcadas em *itálico* para fins de identificação.

1. POR QUE O USO DE DESENHOS?

*A branca sambando rebola
A nega sambando faz ginga
A branca rezando é devota
A nega rezando faz mandinga
A branca escrevendo explica
A nega falando ensina
(Nego Bispo)*

Provoco aqui: posso trazer o sentido da escrevivência para além da escrita? Desenhos também podem ser uma forma de escrever? Eu acredito que sim. Conceição Evaristo, em seu texto *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, fala sobre como ver o desenho do sol de sua mãe foi significativo para sua escrita. Para ela, a mãe não apenas desenhava ou escrevia o sol, ela clamava por ele, o “movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol” num contexto em que seu trabalho, o de lavar as roupas de mulheres brancas, dependia do sol e gerava o sustento da família. O desenho do sol envolvia um movimento de todo o corpo da mãe de Evaristo e contia nele todo o sentimento e desespero da situação racial e social da família, sendo um retrato que não representa apenas uma pessoa, mas um coletivo.

Esse caso que a própria Evaristo traz mostra que o desenho e outras produções artísticas são potenciais meios de contar uma história e dar voz às mulheres negras de forma semelhante ao conceito de escrevivência. A arte é expressão que não se limita às construções sociais e aos lugares impostos aos corpos marginalizados, ela pode ser representação de experiências individuais que se relacionam com uma coletividade. E é isso que quero mostrar aqui com meus desenhos e colagens - eles serão retratos da minha etnografia do Eu e da coletividade do terreiro com o qual tive contato e que influenciou, afetou e contribuiu para meu aprendizado e análises. A experiência no terreiro é coletiva.

1.1. Partindo do EU

Figura 1 - Colagem digital Etnografia do EU



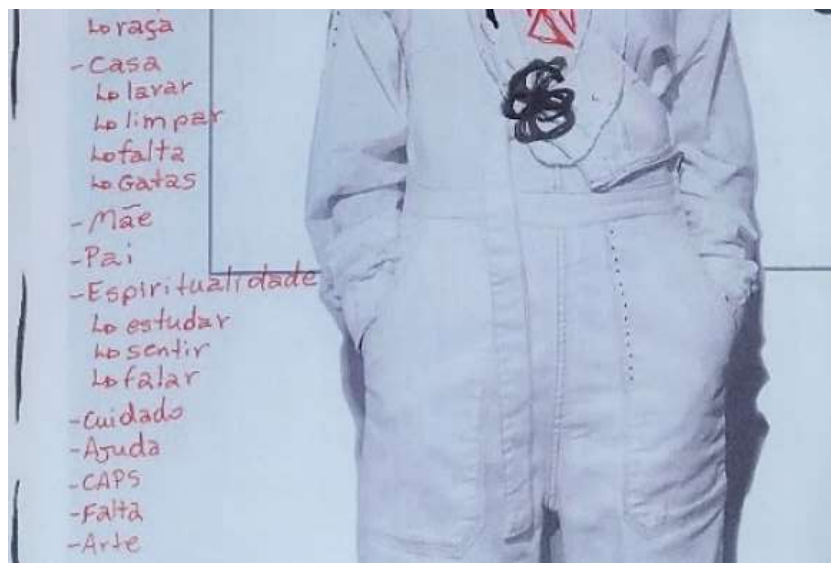
Fonte: Autoria própria, 2023.

Eu sempre fui uma criança e adolescente muito tímida, minha família não era muito de conversar e se abrir, então os desenhos e colagens sempre foram minha ferramenta de expressão, onde colocava para fora aquilo que não conseguia verbalizar e nem escrever. Para mim, este é um campo que me permite colocar no mundo sentimentos, situações, frustrações e reflexões, me ajudando a entendê-los, mas é ao mesmo tempo confortável e desconfortável de habitar.

Digo que é confortável porque sinto que não preciso me apegar à excelência da técnica ou à perfeita estruturação dos desenhos, imagens e palavras utilizadas nas minhas produções artísticas – se assim posso chamá-las – pois existe um jogo de simbologias, abstrações e representações, uma lógica própria: o desenho da sequência de Fibonacci ao fundo da figura 1 é uma representação da proporção áurea, que é a perfeição da natureza, assim como os emaranhados de linhas que estão ao redor da minha foto (os emaranhados seguem a lógica da sequência de Fibonacci), e esses elementos trazem a simbologia do “caos **perfeito**” - que está escrito na parte inferior da colagem - que eu enxergava em minha vida e tentava organizar, como problemas familiares, financeiros, questões acadêmicas, e outros.

Toda essa relação entre os elementos da colagem pode não estar óbvio para alguns, mas para outros pode ser quando se analisa mais profundamente e sensibiliza-se o olhar para o que está sendo observado. Para mim, essa lógica própria é potencialidade de expor sem mostrar diretamente, é o que permite o conforto que as palavras podem não trazer – por serem mais diretas. A seguir, um trecho da versão física da colagem Etnografia do EU (2023) mostra uma lista com as questões que compunham o “caos perfeito”.

Figura 2 - Trecho da versão física da colagem Etnografia do EU



Fonte: Autoria própria, 2023.

Dentro dessa forma de expressão existe o caráter da indefinição, existe a possibilidade de enxergar o que estou sentindo mais profundamente, mas também existe a possibilidade de não enxergar, o que de certa forma faz me sentir mais confortável para expor mais camadas dos meus sentimentos e questões. Nos desenhos, eu me descortino mais. E controlo quem acessa todas as camadas ou não, ao passo que vou disponibilizando mais ou menos informações e significados dos elementos que compõem a obra. Ao mesmo tempo me sinto aliviada por “falar” sobre o assunto.

Porém, eu disse que esse campo é, também, desconfortável. Ao ser minha ferramenta de expressão, compreensão e tradução de reflexões internas, até as representações e simbologias mais abstratas carregam um significado e me põem frente a frente comigo mesma. Internamente eu não consigo fugir da realidade do que minha produção artística está me mostrando. Portanto, ele é uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento e análise, é um desconforto necessário e importante para uma pesquisa etnográfica do Eu, uma autoetnografia.

Figura 4 - Colagem digital feita de vários desenhos meus, sem título.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Para contextualizar melhor, a colagem da figura 3 foi feita em 2019, com o objetivo de me retratar (por isso a escolha da imagem de uma mulher negra), com várias questões, expectativas e problemas ocupando minha mente enquanto lido com a dificuldade de me expressar a partir da fala e comunicação. Já a colagem da figura 4 foi feita a partir de vários desenhos e uma colagem de minha autoria, realizados entre os anos de 2019 a 2023, que descrevem locais em que estive, elementos que simbolizam meu lar, e retratos das minhas dores emocionais no corpo físico.

Diante de tudo isso, fica evidente a importância dos desenhos e colagens na minha existência e individualidade. E eles levam além da minha subjetividade, experiências que são coletivas pois falam muito sobre questões de gênero, raça, sexualidade e espiritualidade. A

autoetnografia é uma teoria que “se destaca por sua utilização dos sentimentos, da corporeidade e da subjetivação como partes essenciais ao objeto de análise” (SÁ, 2024, p. 18).

1.2. Contribuições dos desenhos para a pesquisa etnográfica

Em minhas pesquisas sobre o uso de desenhos no trabalho etnográfico me surpreendi com a complementação dessas teorias com as teorias do aprendizado no candomblé: entre os autores estudados, todos destacam a importância do aprender a ver e da sensibilização do olhar para enxergar mais profundamente o que está sendo observado. Ou seja, para utilizar o desenho na antropologia não é necessário ter uma excelência nas técnicas e fundamentos, é muito mais importante aprender a observar, ter olhar atento e capturar os detalhes que estão à segunda vista, o aperfeiçoamento do desenho acaba sendo consequência da prática. Segundo a autora Karina Kuschnir, que defende o desenho como ferramenta de registro e análise numa etnografia, “é mais importante aprender uma nova forma de olhar o mundo do que ‘desenhar bem’”. (KUSCHNIR, 2014, p. 28)

O exercício da antropóloga em uma etnografia (e nesse caso incluo a autoetnografia) requer a análise e identificação de comportamentos, rituais, objetos e características do que está sendo observado e vivido, e para isso, não basta um olhar superficial. A profissional tenta enxergar não só a materialidade desses aspectos, mas também as simbologias e representações a partir da observação cautelosa. É evidente que a antropóloga não é capaz de capturar e anotar todas as minúcias do campo, existe uma limitação da pesquisa, principalmente quando o profissional é um estranho para a comunidade pesquisada. Porém, eu encontro no desenho um meio de registro que pode abarcar detalhes que não são vistos em apenas um olhar, pois ele exige uma observação minuciosa e mais demorada, que permite capturar minúcias. Indo ao encontro com o que Azevedo (2016a) fala sobre a possibilidade de os desenhos trazerem respostas de perguntas que ainda não fizemos:

“[...] o desenho surgiu como uma ferramenta de observação e registro capaz de revelar algo não premeditado. Por exemplo: quando aterrissei na África do Sul, observar a mulher que carregava o seu filho ganhou outros contornos ao desenhá-la. Buscando dar conta das formas de seus gestos e de seus corpos, tive a oportunidade de responder a perguntas sequer formuladas anteriormente.” (AZEVEDO, 2016a, p. 105).

Além disso, os desenhos possibilitam uma revisita gráfica do antropólogo à cena, gerando pensamentos, ideias rápidas (*insights*) e lembranças esquecidas: “Se olharmos para a

imagem como um quebra cabeça, há segredos e insights emitidos e guardados ali: isso independe da qualidade do desenho” (TAUSSIG, 2011, p. 20 *apud* AZEVEDO, 2016b, p. 198).

Em seu artigo *Ensinando Antropólogos a desenhar* (2014), Kuschnir apresenta sua experiência dando uma oficina de desenho para uma turma de antropólogos em formação com o intuito de incentivar o uso dos desenhos dentro da área. Ao relatar alguns resultados a autora comemora o sucesso do curso e exibe um comentário que comprova o dito acima: “Um aluno, por exemplo, relatou: ‘Escolhi um quadro, mas só depois de começar a desenhá-lo é que percebi que havia ali a imagem de uma gaiola com um pássaro dentro. Estava invisível antes!’” (KUSCHNIR, 2014, p. 41). Outro ponto interessante que foi destacado pelos alunos ao final da oficina foi:

“O desenho foi apontado como um excelente “disparador de conversas” entre antropólogos e seus interlocutores. Abrir o caderno e compartilhar imagens no momento em que são produzidas revelou-se um convite ao diálogo — um contraste com situações em que uma câmera foi tratada com desconfiança e afastamento.” (KUSCHNIR, 2014, p. 42).

O desenho pode ser, portanto, um meio de aproximação do profissional com a comunidade pesquisada, ele é uma forma de registro gráfico menos invasivo do que uma câmera, ele gera a curiosidade e interesse do interlocutor ao invés da desconfiança. Isso pode contribuir para a realização da pesquisa ao passo que uma relação mais próxima e confiante entre pesquisador e pesquisado permite acesso a mais informações.

Outro aspecto importante do desenho para a pesquisa é a liberdade que ele pode ter diante das imagens técnicas, que possibilita retratar o que fotografias e filmagens não conseguem, como a sensação física de uma incorporação ou a representação de uma entidade além do corpo do médium. A partir do desenho – e estendo aqui às colagens – vemos o que está por trás da primeira imagem, o que está invisível, olhamos mais profundamente e traduzimos sentidos, significados, sentimentos e sensações. Isso enriquece a exposição e explicação de uma experiência no terreiro de candomblé que tem como elementos fortes a manifestação e incorporação de energias e espíritos. Nesse caso, nem a escrita permitiria a descrição do que os desenhos e colagens irão mostrar nesse trabalho. Considero então como, no desenho, na antropologia e no candomblé, o desenvolvimento do olhar é um fator essencial.

2. (RE)ENCONTRO COM A RELIGIÃO

“E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual.”

(Conceição Evaristo)

2.1. Início do caminho

Eu fui criada na Igreja Católica, mas sempre nutri uma curiosidade muito grande pelas religiões afrobrasileiras e indígenas. Ao entrar no curso de Ciências Sociais, em 2018, meu interesse foi crescendo cada vez mais ao ter contato com estudos e palestras sobre a cultura negra e indígena aqui do Brasil. Não posso deixar de citar minha amiga Marcela Ferreira, colega de turma, que foi uma das primeiras referências da religião para mim: mesmo quando não falávamos diretamente sobre o assunto, ao vê-la e conversar com ela, eu conseguia sentir a espiritualidade próxima e isso me encantava. Além disso, existia sempre entre meu grupo de amigos e conhecidos negros o assunto sobre as religiões Umbanda e Candomblé, então a ideia de visitar um terreiro estava cada vez mais próxima, mas a ligação com a minha família muito cristã me fazia postergar esse momento.

Já em 2022, após sair da casa dos meus pais, por conflitos com minha sexualidade, fui morar com minha namorada Ithala, com quem estava há 2 anos. Essa mudança, permitiu me libertar de vários comportamentos com os quais eu não me identificava há muito tempo, um deles era o de frequentar a igreja católica. Desde que assumi minha orientação sexual para os meus pais em 2019, eu vinha diminuindo minhas idas na igreja – que desde a infância eram feitas no mínimo uma vez por semana – mas não tinha conseguido ainda romper totalmente, até esse momento.

Agora, morando longe dos meus pais, consegui ir a um terreiro de Umbanda próximo de casa, acompanhada da minha namorada. Lá fui muito bem recebida e me encantei logo de cara: apesar de toda a celebração demorar muitas horas, eu não vi o tempo passar. Ao me consultar⁸ com um cigano⁹ fiquei muito à vontade e senti que já o conhecia: ele soube me dizer o que eu precisava sobre minhas aflições sem eu ter que falar muito, já que não sabia como

⁸ Consultar, no caso dos terreiros, é quando as pessoas conversam com as entidades da religião em busca de aconselhamento para sua vida.

⁹ Espírito (entidade) da linha Cigana que trabalha aconselhando as pessoas que visitam o terreiro.

começar a falar com uma entidade. Ele falou sobre minha namorada, meus pais, minha sexualidade e sobre meu valor. Aquela conversa foi um alívio e um acalento, senti uma ligação muito forte que acredito até hoje ter a linha cigana em meu caminho.

Apesar de termos gostado dessa casa e termos frequentado algumas giras¹⁰, éramos apenas consulentes¹¹. Na última gira que fomos, num domingo, uma Pombogira Mulambo conversou com a Ithala e disse que sua vida mudaria e que coisas muito grandes aconteceriam a partir daquele dia. Utilizamos esse dia como marco, pois nos próximos dias que se seguiram, ainda na mesma semana, Ithala incorporou pela primeira vez, em casa, sua Pombogira. Confesso que nesse momento eu fiquei muito curiosa e empolgada. Com o pouco que sabia através das idas no terreiro de umbanda, e com a orientação da entidade, eu coloquei um ponto¹², servi uma bebida que tinha em casa, ascendi um fumo de palha e entreguei a ela. Com o corpo tremendo bastante e fala instável por ser a primeira incorporação a pombagira falou comigo sobre coisas que nem a Ithala sabia. Nesse momento eu estava com um misto de sensações: animada, feliz, emocionada, insegura com como lidar com a entidade, mas curiosa.

Figura 5 - Desenho lembrança da 1ª incorporação da Ithala



Fonte: Autoria própria, 2025.

Um aspecto que notei desse momento foi como a Pombogira quis mostrar proximidade com a Ithala já no primeiro contato. Ela demonstrou muito carinho e identificação com o cabelo

¹⁰ Celebração ritualística da umbanda e do candomblé em que as pessoas conseguem consultar com as entidades.

¹¹ Clientes do terreiro. Algumas pessoas podem se referir também como “assistência”.

¹² Cantiga, música para invocar e homenagear as entidades da religião.

dreadado: passando as mãos nos dreadlocks ela contou como lembrava de sua mãe, há muito tempo atrás, cuidando de seu cabelo que era igual ao da Ithala. Ela também contou que a gata mais velha que tínhamos – um grande apoio emocional e psicológico da Ithala – tinha sido ela quem deu e que já havia acompanhado a Ithala em outra vida.

Mesmo entusiasmada com o acontecimento, assim que a Pombogira foi embora, eu e Ithala ficamos meio sem acreditar e um pouco preocupadas. Não é bom dentro da religião incorporações em casa e sem a supervisão de sacerdotes ou pessoas experientes, pois espíritos quiumbas – espíritos obsessores – podem se passar por entidades e trazer confusão, brigas e negatividade. Já sabíamos disso, então resolvemos ligar e contar o que tinha ocorrido para o tio da Ithala, pois ele já estava na religião há mais tempo e saberia nos aconselhar. Foi então que ele nos levou até o Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, terreiro de Candomblé, coordenado pelo Babalorixá Paulo ty Ogun, no qual nos estabelecemos como filhas.

2.2. Chegando ao Ilé Asé Alaketu Ogun Layo

No dia 02 de novembro de 2022, Dia de Finados, eu e minha namorada fomos pela primeira vez ao *ilé* do Babalorixá Paulo ty Ogun, que se localiza no bairro Monte Hebron na cidade de Uberlândia-MG. Fomos recebidas pelo Babalorixá, acompanhado da *Ekéjì* Tatiana ty Osùn, e da *Ìyá Kékere*¹³ da casa Thais ty Òsùmàrè, os três cargos principais do terreiro.

Em decorrência do episódio de incorporação que Ithala havia passado o Babalorixá recomendou a tiragem de um jogo de búzios, que é o oráculo utilizado no candomblé para comunicação dos humanos com os orixás (OGBEBARA, 2018, p. 86). O jogo é utilizado na religião para consulta de várias áreas da vida do consulente, olha-se a saúde, a área profissional, espiritual, as questões familiares e amorosas, e outras perguntas que podem vir a surgir. Após a análise dos aspectos da vida do consulente, é mostrado qual ebó ou rituais fazer para equilibrar os pontos necessários.

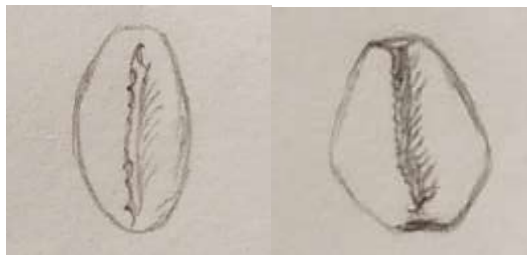
¹³ “Mãe pequena” em iorubá; cargo dentro do terreiro que auxilia e coordena na ausência da yalorixá ou Babalorixá.

Figura 6 - Jogo de búzios



Fonte: Autoria própria, 2025

Figura 7 - Desenho, elemento do jogo: búzios.



Fonte: Autoria própria, 2023

Nesse jogo, muitas coisas da vida da Ithala foram reveladas, segundo ela muitos episódios de infância foram explicados com a tiragem do Babalorixá Paulo, como a manifestação do espírito da avó paterna em seu quarto, após um ano do falecimento dela. O Babalorixá explicou que o espírito estava manifestando no jogo e que ela seria a mentora espiritual da Ithala. No dia de Finados, a avó da Ithala foi *resgatada*¹⁴ pelas entidades da casa e passou a trabalhar na linha da Pombogira que havia incorporado na Ithala, ou seja, a Pombogira era a avó dela e trabalharia como mentora direta dela. Segundo o Babalorixá Paulo, a partir de minhas perguntas, “os nossos guias são nossos ancestrais, todos eles!”, esse ponto foi um dos principais que me intrigaram quando comecei a frequentar a religião, esse contato tão próximo com nossos antepassados. Mais à frente retornarei nesse ponto.

¹⁴ Acredita-se que alguns espíritos desencarnados ficam vagando por apego à vida que deixaram, culpa, ou por justiça espiritual.

Foi confirmado, também, o orixá que rege o *ori*¹⁵ dela, ou seja, de quem ela é filha. Segundo o Babalorixá Paulo, cada Orixá traz para seus filhos características que compõem sua personalidade e dificuldades que eles podem lidar na vida, por exemplo: filhos de Ogum, orixá da guerra e do ferro, tendem a ter grandes batalhas para enfrentar durante a vida, e podem ser raivosos e impulsivos no agir, o que gera um grande remorso e arrependimento. Já os filhos de Iemanjá, orixá do mar e da maternidade, podem ser mais calmos e maternais, fazendo com que acolham muito os problemas dos outros em detrimento dos seus. Essas características e desafios de cada orixá são explicados com base nos *itans*¹⁶, que são histórias orais das divindades do candomblé.

Após o jogo de búzios, as entidades do Babalorixá, da *Ìyá Kékere* e do tio da Ithala, incorporaram para conversar conosco, foi um momento único e revelador para mim. Até aquele momento pouca coisa sobre mim havia sido mostrada, mas quando Exu João Caveira, Pombogira Dama da Noite e Pombogira Maria Mulambo chegaram, logo me revelaram que eu era filha de Iemanjá e que tinham grandes chances de ser *ekéjì*. Alguns meses depois, no meu jogo de búzios, foi confirmado meu cargo e minha orixá.

Este primeiro contato com o ilé foi encantador para mim, me identifiquei logo de início em vários aspectos com a religião, com as pessoas, com o lugar. Senti que estava me reconectando com parte da minha história: minha ancestralidade negra. Eu estava começando a descobrir mais sobre minha origem e de onde vieram meus ancestrais escravizados.

No dia seguinte da visita ao terreiro, eu produzi uma colagem na tentativa de representar essa identificação que eu estava sentindo:

¹⁵ Cabeça em iorubá.

¹⁶ Histórias dos orixás; por serem contos passados majoritariamente por meio oral, podem ser encontradas diferentes versões das histórias.

Figura 8 - Colagem analógica, Mãe Ancestral.



Fonte: Autoria própria, 2022.

Para essa colagem, os elementos essenciais foram a imagem ser de uma mulher negra, as vestes brancas e tons de azul na composição fazendo referência às cores que identificam a Orixá, além das imagens de praia, mar e água, pois Iemanjá é orixá das águas (OGBEBARA, 2018, P. 46), dos rios que vão para o mar, ela é a mãe cujos filhos são peixes – tradução de “*YéYé Omó Ejá*” (PAULA; ANDRADE, 2023, p.236), que deu origem ao nome da orixá que em iorubá é *Yemojá*. A palavra “mãe ancestral” se refere tanto à característica forte da *iabá*¹⁷ de ser mãe, quanto ao fato dela ser minha mãe espiritual.

Seguindo a mesma inspiração, em 2024, produzi uma pintura homenageando novamente Iemanjá intitulada “Dona do Mar”, onde quis trazer seu elemento da natureza, o mar, suas cores

¹⁷ Iabá é uma forma de se referir às orixás femininas.

principais e seus seios, representando maternidade e fecundidade. A seguir, rascunho e obra final:

Figura 9 – Desenho rascunho da obra Dona do Mar



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 10 - Pintura, Dona do Mar

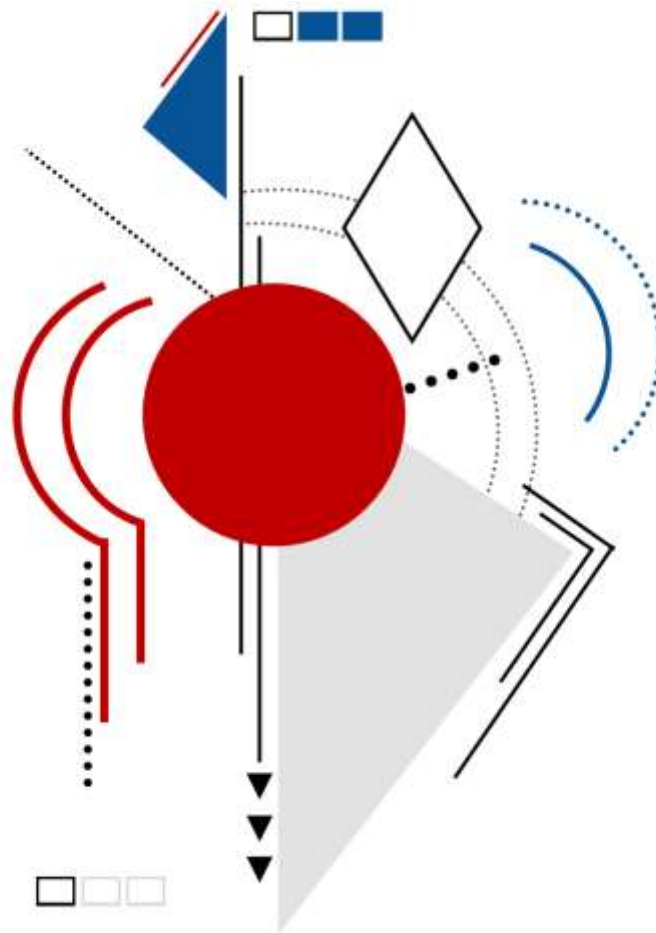


Fonte: Autoria própria, 2024.

Essas obras refletem minha identificação com a religião, que ocorreu logo de início, e permanece até hoje: a cada nova obra sobre essa Orixá, mais elementos específicos dela são incorporados. Transformando o conjunto de desenhos em uma linha do tempo do meu aprendizado espiritual.

2.3. O Candomblé como caminho para autoidentificação

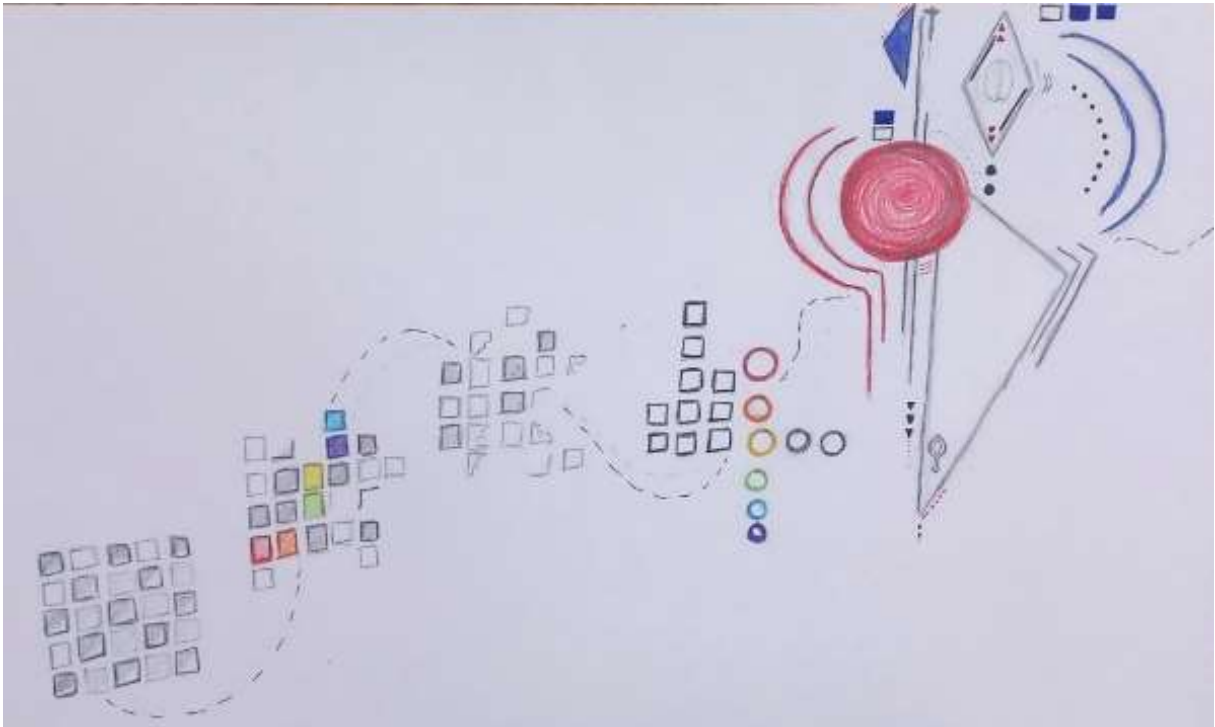
Figura 11 - Desenho digital, Autoconhecimento.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Início este tópico com a obra intitulada *Autoconhecimento* que produzi em 2023. Ela surgiu após um exercício realizado na abertura da matéria Interfaces da Arte do curso de Artes Visuais da UFU - Universidade Federal de Uberlândia, em 2023, ministrada pela professora Clarissa Borges. A proposta do exercício era fazer uma linha do tempo, em formato livre: poderíamos utilizar desenhos, palavras, textos, uma linha linear, circular ou abstrata. Optei então por utilizar formas mais geométricas para construir minha linha do tempo para que eu não deixasse explícito acontecimentos e questões delicadas da minha história para pessoas que eu ainda não conhecia muito bem. Como já falei no tópico 1.1 desta monografia, o desenho me dá a liberdade de ilustrar sentimentos e situações delicadas para mim, mas sem descrever todos os detalhes do que aconteceu.

Figura 12 - Minha Linha do Tempo.



Fonte: Autoria própria, 2023

Na minha linha do tempo, retratei meu caminho de autoconhecimento baseado em dois pontos muito importantes da minha história: minha sexualidade e minha espiritualidade. Na primeira sessão, os quadrados acinzentados simbolizam minha vida amena e pacata, com uma falsa ordem (os quadrados trazem essa mensagem de uniformização; “me enquadrar em caixas”), antes de assumir minha sexualidade para os meus pais. Na segunda sessão, alguns quadrados são substituídos pelas cores do arco-íris e outros estão incompletos, aqui mostro o período que assumi minha sexualidade, no ano de 2019. Essa época foi marcada pelo caos e por conflitos familiares, mas também pelo início da construção da minha liberdade e reafirmação da minha personalidade.

Já a terceira sessão, com os quadrados acinzentados incompletos e quebrados refere-se ao pós revelação da minha sexualidade, onde cada vez mais eu desconstruí e rompi com os padrões e as expectativas que as pessoas tinham de mim. Aqui, eu começava a entender que a aceitação familiar não viria e que eu deveria seguir minha vida. Passo então para a quarta sessão, com quadrados pretos e círculos coloridos, todos mais organizados dos que os anteriores. Os quadrados trazem a ideia de que eu ainda carrego comportamentos e pensamentos antigos, mas agora estão mais conscientes na minha cabeça. Os círculos coloridos e os pretos já são minhas construções e minha personalidade mais presente. Foi quando eu saí de casa para morar com minha namorada e iniciei minha jornada com a religião.

Na quinta sessão, coloco as cores e elementos (*abebé*¹⁸, espada e búzio) que evocam orixás com os quais tenho proximidade, Iemanjá, Ogun e Exu. Juntamente com formas e linhas que são minha personalidade e minha busca pelo autoconhecimento a partir da espiritualidade e do Candomblé.

O desenho digital intitulado *Autoconhecimento* (Figura 11) é então o resumo de tudo que esse exercício representou para mim. Ele é a ilustração do ponto que estou na minha história: no caminho de me libertar de crenças que não são minhas e que não me cabem para buscar a verdade, a identificação e o autoentendimento, que as entidades, os orixás e as pessoas do candomblé me ajudam a alcançar. Aprendi com a religião que ela é um meio para conseguirmos nos conhecer mais, entender nossos pontos negativos (que podem vir de herança familiar, ou de características do seu orixá), nossos pontos positivos e aprender a nos valorizar. Exemplo disso é o que o Babalorixá Paulo diz sobre a Linha da malandragem: “Eles ensinam a gente a se conectar com a *gente*, a não se barganhar né”.

Desde o primeiro dia que fui a um terreiro, tanto de umbanda quanto de candomblé, tive indícios e respostas sobre meus antepassados. No primeiro terreiro que fui, senti que pertencia à linha cigana, como comentei anteriormente, e, no Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, descobri que minha mãe é Iemanjá, ou melhor *Yemojá*, a mãe cujos filhos são peixes.

Figura 13 - Desenho, *Yemojá*



Fonte: Autoria própria, 2025.

¹⁸ Abebé é o espelho que é o elemento de Iemanjá.

Segundo os conhecimentos obtidos no terreiro, na África, o culto aos orixás é realizado de forma diferente do que acontece aqui no Brasil: lá, você é filho e cultua um orixá pela região e etnia em que você nasce. Com a colonização, povos e etnias diferentes foram colocados juntos como estratégia de minar as rebeliões e a resistência dos africanos escravizados, pois falavam línguas diferentes, tinham culturas diferentes e cultuavam divindades diferentes. Com essa estratégia e outros processos de apagamento da cultura africana, a identificação étnica se tornou muito difícil materialmente, e consequentemente a identificação de qual orixá era associado a cada pessoa também. Então, atualmente, a confirmação do orixá que rege o orí de cada pessoa é feita pela consulta espiritual ao jogo de búzios, realizado pelas yalorixás e babalorixás.

“Como se vê, na mitologia iorubá, seres humanos e orixás estão intrinsecamente ligados, uma vez que se acredita que homens e mulheres são descendentes diretos deles: “cada pessoa herda do orixá de que provém suas marcas e características, propensões e desejos, tudo como está relatado nos mitos” (PAULA; ANDRADE, 2023, p. 232).

Analisando esses fatos é possível relacionar o orixá que é confirmado no jogo com a origem ancestral da pessoa, não só do mundo espiritual, mas também no mundo material. Isso quer dizer que se sou filha de *Yemojá*, tenho uma provável origem no povo Egba que se localizava no sudoeste da Nigéria: “Iemanjá é, originalmente, a orixá do povo Egbá, nação iorubá localizada ao Sudoeste da Nigéria, região entre Ifé e Ibadan”. (VERGER, 1981, p. 190, *apud* PAULA; ANDRADE, 2023, p.234).

De forma semelhante analiso as entidades que protegem cada pessoa. Segundo o Babalorixá Paulo, todos os guias espirituais são parentes desencarnados – uma avó, avô, tia, tio, bisavó ou bisavô – que escolheram trabalhar em determinada linha espiritual pela proximidade e identificação que tinha em vida. Por exemplo, na Linha de boiaderos e cablocos (eles sempre vêm juntos), a Ithala incorpora uma cabloca, isso significa que ela tem alguma ancestral indígena que traz sua energia na cabloca que ela incorpora. Isso quer dizer que a religião mostra vestígios que compõem a árvore genealógica de quem se conecta e trabalha com sua espiritualidade.

No campo, foi possível perceber como as entidades, aos poucos, vão contando seus nomes, suas histórias e quem são para os mediúns que as incorporam. Esse conhecimento, que também é autoentendimento, e conhecimento de sua origem e ancestralidade, é feito através do trabalho e da ritualística que o terreiro realiza.

“[...] o contato com nossos ancestrais é através de folhas, oratórias, rezas, preceitos, princípios para que a gente possa se alinhar com nossos ancestrais. Então tem todo esse processo religioso e de liturgia né, de começo meio e fim para a gente conseguir

nos conectar com esses ancestrais que são nossos antepassados” (Babalorixá Paulo ty Ogun. Entrevista realizada em 2025).

As entidades, então, nada mais são que pessoas que já viveram na Terra, que estão também em processo de evolução, e se conectam e protegem sua linhagem familiar – seus netos, bisnetos, tataranetos. Por isso o Candomblé e a Umbanda têm como base religiosa a valorização da ancestralidade e dos mais velhos: eles acreditam que nós que estamos vivos nos tornaremos a ancestralidade dos que virão.

Diante de tudo isso, após algum tempo trabalhando na religião e buscando respostas sobre os meus guias, recebi um *respostado* - na linguagem das entidades: Seu Zé Pelintra desceu na cabeça do Babalorixá Paulo e me disse que era o *dono* da minha cabeça, ou seja, meu mentor espiritual, minha entidade mais próxima. Minha Linha espiritual mais próxima então é a da malandragem. Nesse momento senti uma forte intuição de que ela trazia a energia da minha família paterna, onde tenho um tio que faleceu ainda jovem e meu avô que nem cheguei a conhecer.

Isso foi o suficiente para me fazer buscar mais histórias sobre minha família paterna, eu até aquele momento nunca tinha visto uma foto do meu avô, não conhecia seu rosto, sua personalidade e nem como tinha falecido. Comecei então meus questionamentos ao meu pai sobre meu avô, e recebi a única foto dele:

Figura 14 - Foto 3x4 do vô Manoel



Fonte: acervo da autora.

Ao olhar essa foto visualizei imediatamente Seu Zé Pelintra.

“Seu Zé Pelintra foi o índio catimbozeiro nordestino que, chegando ao Rio de Janeiro, nos tempos da malandragem do início do século XX, trocou as roupas simples do

catimbó e vestiu o terno de linho S-120, o chapéu Panamá, a gravata vermelha e o sapato bicolor. Mudou de roupa para ser reconhecido, admitido e – ao aparentemente se despir dos ícones do catimbó – continuar, na moita, tremendo catimbozeiro.” (SIMAS; RUFINO; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 85-86).

Figura 15 - Desenho digital, Seu Zé



Fonte: Autoria própria, 2025.

O desenho da figura 14 mostra como enxergo meu guia, com grande influência da imagem do meu avô falecido Manoel Pereira Lopes. É fato que ainda não obtive confirmação se Seu Zé Pelintra realmente traz a energia do meu avô, mas utilizo aqui uma habilidade que a religião e meu cargo como ekéjì trouxeram para minha vida, a intuição. O enxergar além do que está à primeira vista, que discutirei no próximo capítulo.

A Pombogira Maria Padilha Cigana disse uma vez numa consulta que muitas respostas que as entidades nos dão vêm através da intuição e dos sonhos. Isso os mais experientes do terreiro também confirmam e aconselham para os filhos iniciantes e que estão em desenvolvimento. Rabelo também fala sobre isso, no modo de “ver da suspeita”, que diz respeito à forma de aprender a ver no candomblé: “Ensinam a ver o que não está dado de modo fácil, conduzindo ao pressentimento de influências que escapam à visão ingênua”. (RABELO, 2015, p. 245).

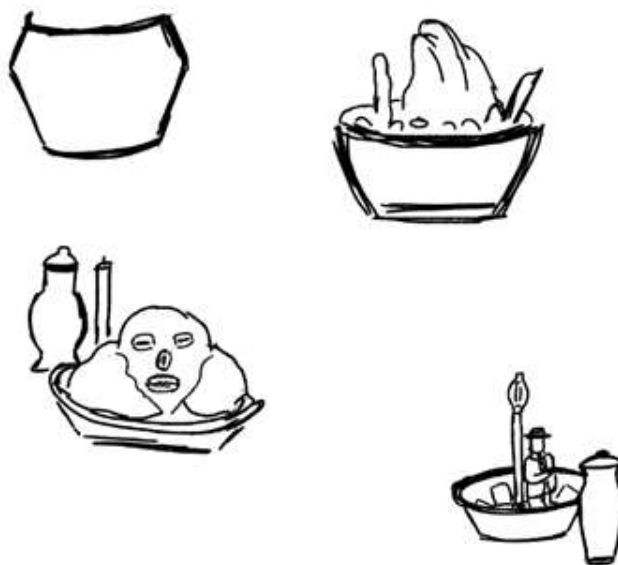
Além disso, o desenho *Seu Zé* é uma ferramenta que traduz a potencialidade de construção da minha árvore genealógica, da qual eu não tinha um bom conhecimento nem em relação a duas gerações atrás da minha. O desenho significa, assim, uma espécie de resgate da minha história e meu autoconhecimento, que tanto o desenho quanto a religião me permitiram acessar e que podem permitir que muitos outros acessem também.

3. APRENDENDO A APRENDER NO CANDOMBLÉ

Na primeira vez que entrei no mar, minha mãe levou meus olhos.

Ao final do primeiro dia no Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, eu e Ithala aceitamos entrar para a casa e desenvolver nossa mediunidade. Já na nossa segunda ida ao *Ilé*, estava acontecendo um *Orô*, ritual realizado para homenagear os orixás ou entidades, onde são entregues oferendas e sacrifícios. Como eu já tinha sido apontada como *ekéjì*, nessa ocasião eu já fui colocada pelo Babalorixá da casa para assumir meu posto, então sem experiência alguma eu atentamente segui e imitei as outras duas *ekéjìs* da casa: masquei o Ataré¹⁹ sem engolir, enchi minha boca de gin e bafei três vezes nos *ibás*²⁰ das entidades homenageadas.

Figura 16 - Desenhos digitais de assentamentos (*ibás*).



Fonte: Autoria própria, 2024.

Naquele momento eu não entendi o significado desses elementos, mas o passo a passo do ritual, a sensação da pimenta e do gosto do gin em minha boca, e o movimento realizado nesse ritual não saíram da minha memória. Hoje eu entendo mais dos significados de cada elemento utilizado e cada ação realizada. Aprendi, por exemplo, que o Ataré vai fortalecer meu *ofô* – minha palavra – para tornar minha reza mais forte e eficaz no momento de comunicação com os orixás e entidades.

¹⁹ Pimenta da Costa.

²⁰ Segundo o Babalorixá Paulo, *ibás* “são os assentamentos daquelas energias (orixás e entidades), que são onde são presas aquelas energias para que a gente possa se conectar e se comunicar com elas.”

O Candomblé é uma religião complexa, que exige uma participação engajada do praticante. Ela não é apenas uma forma de pensar o pós-vida e uma comunicação abstrata com deuses e entidades, é necessário uma participação e prática dentro do terreiro. Usa-se, além da cabeça e da mente, todo o corpo: o iniciante aprende uma nova forma de entender a vida, a morte, a espiritualidade e o mundo, e também aprende como se colocar nesse mundo. Como se portar, como aprender, como reverenciar, como dançar para cultuar as divindades, como fazer as comidas, e como sentir as energias, tudo isso são habilidades que se desenvolvem estando num terreiro. Segundo o Babalorixá Paulo:

“A melhor forma de aprender sobre os orixás é tendo a presença em um terreiro de confiança para você poder conhecer o que são os orixás e os benefícios que esses deuses africanos proporcionam no nosso dia-a-dia, e saber como as características deles são parecidas com as nossas. Então a melhor forma de aprender e estudar é participando de um terreiro.” (Babalorixá Paulo ty Ogun. Entrevista realizada em 2024).

É consenso dos mais experientes do terreiro, a importância da vivência dentro do ilé para o aprendizado. A partir dessas experiências, o iniciante observa os comportamentos e práticas e aprende por imitação, repetição e improviso (INGOLD, 2010). Só aprenderá de fato a realizar toda a ritualística de um ebó quando o iniciante participar do ritual de ebó por quantas vezes for necessário, vendo o passo a passo, os ingredientes utilizados, os movimentos e as rezas, e dentro desse processo ir perguntando o porque de cada coisa. O Babalorixá Paulo destaca sempre a importância das dúvidas e perguntas no Candomblé: para ele, o médium iniciante aprende e demonstra interesse a partir das perguntas e da curiosidade que tem.

O aprendizado do terreiro vai muito ao encontro com o que Ingold (2010) fala sobre a *educação da atenção*. Para o autor, a construção de conhecimento está ligada ao desenvolvimento de habilidades, dadas a partir da observação, atenta e engajada, seguida da prática até o aperfeiçoamento: “Não se trata de conhecimento que me foi comunicado; trata-se de conhecimento que eu mesmo construí seguindo os mesmos caminhos dos meus predecessores e orientado por eles” (INGOLD, 2010, p. 19). Não basta o contato superficial e apenas teórico, como a transcrição de uma receita, é necessário a ação, a tentativa de fazer a receita até que não seja necessário consultá-la, fazendo-a ao seu próprio modo.

Figura 17 - Desenho, receita do Padê de Seu Zé.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 18 - Pintura, Oferenda para Zé Pelintra.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Essa teoria sugere uma descolonização na centralidade da produção de conhecimento, já que as ciências ocidentais, eurocêntricas, historicamente, colocaram-na na mente e no cérebro, escantiando o conhecimento construído a partir da experiência e do corpo – âmbito este que caracteriza o conhecimento das religiões afro-brasileiras. As ciências ocidentais

tendem a separar esses dois elementos: a mente e o corpo. Já as religiões de matriz africana e indígenas enxergam a corporalidade como meio de apreensão e desenvolvimento do aprendiz. E enxergam esse corpo em conjunto com o ambiente: “O ambiente, então, não é meramente uma fonte de problemas e de desafios adaptativos a serem resolvidos; ele se torna parte dos meios de lidar com isso.” (INGOLD, 2010, p. 19).

Podemos observar um exemplo disso no aprendizado dos Kene na cultura Huni Kui. No artigo *A dança do mito no aprendizado dos Kene: a aquisição da arte pelo povo Huni Kuĩ* (2019), Bylaardt analisa quatro versões do conto de recebimento do conhecimento dos desenhos (Kene): “Em todas as versões esse ser que é parte cobra, parte humano, se encontra com uma mulher e ensina a ela os segredos dos Kene, antigo conhecimento Huni Kuĩ, para que ela possa compartilhar com as outras mulheres.” (BYLAARDT, 2019, p. 33). Ao aprender esse novo conhecimento – adquirido através do seu corpo em contato com o meio, já que “uma vez dentro do abraço, ela inicia o processo de aprendizagem” (BYLAARDT, 2019, p. 35) – a mulher, agora com a visão ampliada, volta para casa e coloca em prática, com autonomia, essa habilidade.

O aprendizado dos Kene se deu a partir da corporalidade e não apenas da mente: é no abraço da cobra que ela inicia seu aprendizado. No contato inicial já é imprescindível a existência do corpo para adquirir o segredo, e a corporalidade na prática desse aprendizado fica evidente também de outros modos: “É preciso pedir ao Yuxim do olho, a capacidade de enxergar os desenhos. As Mulheres Huni Kuĩ usam inclusive o sumo de ervas nos olhos, para que ajudem o olho a se abrir para se enxergar os kene.” (BYLAARDT, 2019, p. 35, notas).

Diante de tudo isso, fica evidente como, tanto para essas religiões que mencionei, quanto para Ingold, o ambiente figura como um espaço/contexto para a educação da atenção, ou seja, é ferramenta e faz parte do desenvolvimento de habilidades como sentir, ver, ouvir...

3.1 Uma ekéjì aprendendo a sentir

Assim como a Antropologia exige de mim um aprendizado e um olhar sensibilizado para captar as minúcias de um campo etnográfico, a função de *ekéjì* também. *Ekéjì* é um cargo que auxilia na organização do terreiro, cuida dos orixás, das entidades e dos filhos da casa. Ela também é quem invoca os espíritos da casa e que os manda embora, tendo uma mediunidade que enxerga – sente – quando uma energia está próxima ou quando ela está querendo incorporar em alguém. Segundo o Babalorixá Paulo, as *ekéjìs* “são os olhos e os ouvidos” do sacerdote

quando ele está incorporado, isso quer dizer que as *ekéjìs* têm uma responsabilidade de coordenar e resolver problemas que surgem nos rituais, celebrações e giras.

Figura 19 - Desenho do *instrumento mágico* das *ekéjìs*, o *Adjá*



Fonte: Autoria própria, 2023.

O desenvolvimento e aprendizado de uma *ekéjì* é diferente dos médiuns rodantes por causa da ausência de incorporação: sempre é sentido fisicamente a presença da energia, ou seja, seus sentidos são limitados e ficam num estado de dúvida sobre o controle do seu corpo. Muitas vezes os guias se comunicam com seus filhos no momento da incorporação ou deixam recados por meio das *ekéjìs* e *cambones*²¹. Diante disso, a mediunidade e o aprendizado da *ekéjì* se dá muito mais pela intuição – que aqui tomo, juntamente com Rabelo (2015), como uma forma de visão.

Segundo Rabelo (2015), a experiência de práticas visuais no Candomblé abarca também o aspecto de enxergar o invisível. Ver o invisível é entender a existência de elementos e seres que não vemos, mas que estão presentes; é perceber quando um iniciante está sentindo a energia da entidade sem ele precisar avisar; e sobretudo é sentir a energia fisicamente. Com a prática e a participação dentro das celebrações e rituais a *ekéjì* vai treinando sua sensibilidade e intuição. Passando a perceber a presença de seres invisíveis dentro e fora do terreiro.

²¹ Filhos da casa que ajudam a servir as entidades e auxiliam no que elas precisarem.

Figura 20 - Sensação da radiação da energia no meu corpo.



Fonte: Autoria própria, 2023

A sensação física da presença de espíritos foi um dos aspectos da minha mediunidade que mais me chamaram atenção. No desenho acima, tento mostrar como ela acontece: sinto uma espécie de formigamento começando das pontas dos meus dedos e subindo para o braço, numa frequência de ondas: quanto mais forte a energia, mais toma meu corpo todo. Comecei a notar com mais frequência essa sensação quando deitava para dormir e quando ingeria bebidas alcoólicas – o Babalorixá explica que substâncias que alteram nosso estado de consciência deixam as pessoas com mediunidade mais sensíveis²². Com o tempo isso foi se intensificando e são comuns os momentos em que sinto essa sensação. É o que o Babalorixá Paulo chama de “radiação da energia”, que significa que existe uma presença espiritual que não conseguimos ver, um espírito.

Identificar e reconhecer essa sensação e as energias é uma habilidade adquirida com a experiência e com o contato com energias diferentes. A energia de orixá é diferente da energia das entidades, cada um traz características e densidades distintas que para uma *ekéji* experiente, com a visão apurada e sensível, se torna fácil de identificar.

²² No terreiro, costuma-se dizer que a pessoa fica “mais aberta”, referindo-se ao estado em que a pessoa está mais sensível para ver, sentir, escutar, incorporar e absorver energias, que podem ser negativas.

Outro aspecto que identifiquei em minha autoetnografia, que Rabelo aponta é o aprendizado da visão como suspeita (RABELO, 2015, p. 245-246): quanto mais tempo participo da religião, mais meus olhos se “abrem” para eventos que estão além do óbvio, que não posso ver, mas que podem ocorrer: “[...] Treinam a atenção na busca de conexões operantes, mas não identificadas à primeira vista” (RABELO, 2015, p. 247).

No entendimento da religião, o *ofô* (a fala) tem grande poder energético, e energia é um elemento importante na espiritualidade. Isso implica que uma palavra negativa (*pragas*) ou uma pessoa ter um sentimento de inveja pode trazer más energias que afetam o equilíbrio emocional, espiritual e físico. Além disso, todo local e pessoa carrega uma energia que pode ser absorvida por quem tem mediunidade e está “aberto”. Ou seja, um toque, uma fala, ou frequentar um espaço denso energeticamente sem proteção pode ser motivo para desconfiança. Eventos cotidianos e comuns tornam-se foco da visão desconfiada e da investigação.

Nesse momento a intuição entra como ferramenta inicial: ao sentir uma mudança na ordem das coisas, a intuição entra em ação para guiar o próximo passo que pode ser uma consulta ao Jogo de búzios ou às entidades. Acredito que a desconfiança é o aprendizado da intuição. Muitas vezes as pessoas de terreiro não sabem explicar com detalhes, mas sentem que determinada situação quer dizer determinada coisa.

Outro elemento muito presente no desenvolvimento da intuição e da visão de suspeita é o sonho. Para o Candomblé, os sonhos são um meio de comunicação do mundo espiritual com o médium, e acontecem para avisar de um problema ou acontecimento inesperado, geralmente ruim, com o intuito de preparação para quando o evento acontecer. Pelo que observei no campo, para o iniciante a identificação dos sonhos-avisos é mais difícil, mas conforme ele vai aprendendo e sendo orientado pelos mais velhos e pelas entidades do terreiro, mais a visão dele se aperfeiçoa, principalmente porque a mensagem do sonho nem sempre é literal, então além de identificar o aviso, é necessário decifrá-lo.

Em 2023 tive um sonho com Seu Zé Pelintra, no qual eu estava sozinha numa rua escura quando apareceu um homem portando uma faca. Zé Pelintra apareceu para me proteger e assustou o homem, porém, no susto ele me acertou a faca e o sonho terminou comigo morrendo nos braços do meu guia. Acordei assustada, com uma sensação diferente, que entendo agora ser minha intuição: parecia que eu sabia que não era apenas um sonho, mas tinha muitas dúvidas e inseguranças. Conteí sobre o sonho para meu Babalorixá e ele me ajudou na interpretação dele: Seu Zé estava próximo de mim me protegendo, mas nos próximos tempos viria uma traição, uma “facada” de quem eu menos esperava.

Figura 21 - Desenho do sonho com Seu Zé Pelintra



Fonte: Autoria própria, outubro de 2023.

Esse evento aconteceu novamente em 2025, acordei ao susto depois de ter tido dois sonhos. Agora já com a certeza de que eram avisos e não apenas sonhos, não senti dúvida e nem insegurança. Um pouco mais de um mês depois o recado se confirmou e pude ter certeza das minhas suspeitas e interpretações. Isso confirma o que Ingold fala sobre o aprendizado de uma habilidade se dar a partir da prática e orientação dos mais experientes para chegar ao estágio de especialista e também o que Rabelo (2015) afirma sobre o treino da visão no modo de suspeita no *candomblé*.

3.2 Uma antropóloga aprendendo a ver

Na experiência dessa pesquisa analisei meu aprendizado como *ekéji* a partir do treino da visão como prática. Agora, separo essa seção para falar sobre meu treino como antropóloga no campo. Estar numa posição no *ilé* em que ficava *acordada* o tempo todo me permitiu observar o desenvolvimento de alguns filhos da casa. Ou seja, meu olhar antropológico aparecia em todas as *giras* de que participei, indo ao encontro com tudo que apontei nesse trabalho.

O aprendizado da visão que Rabelo (2015) aponta se estende também, nesse caso, de certo modo, a todos os filhos e cargos de um terreiro - aprendem a visão prática, onde passam a conviver com o invisível e estar atentos aos significados mais profundos das coisas. Porém, destaco aqui um aspecto analisado por Rabelo e Santos no artigo *Notas sobre o aprendizado no*

candomblé (2011): tanto os iniciantes quanto os orixás e entidades ocupam em certos momentos o lugar de aprendizes.

Como contei brevemente no capítulo 2, na primeira incorporação da Ithala, o corpo e a fala tremiam bastante. Ao participar das celebrações do terreiro observei a recorrência desse fenômeno em todos os novos filhos: nas primeiras incorporações o corpo fica desengonçado, trêmulo, a entidade não fala ou fala pouco e geralmente fica pouco tempo *em terra*. Elas costumam dizer: “*estou acostumando o lombo do cavalo*” – *cavalo* porque os espíritos *montam* nos médiuns, estão sobre eles. Rabelo e Santos (2011), falam sobre como a “possessão envolve aprendizado” e como “tanto o adepto quanto o orixá precisam ser instruídos nos modos corretos de proceder.” (2011, p. 191). Nessa ocasião, as autoras falam especificamente da possessão de orixá – que tem diferenças com a incorporação de entidades – porém, esse aspecto supracitado também ocorre no caso das incorporações dos rodantes observados no Ilé.

Quando uma entidade está no ponto de dar consulta para os consulentes do terreiro – já conversa firmemente, dança, *se prova* para as pessoas da casa e revela seu nome verdadeiro – dissemos que é uma incorporação completa, e isso requer tempo. Tanto ela quanto o médium passam por um processo de *doutrinação* e ficam um bom tempo sem autorização para dar consultas. O tempo é importante para construção e fortalecimento das relações entre rodante e entidade, rodante e *ilé*, e entidade e *ilé*: “à medida que tanto a filha de santo quanto seu orixá amadurecem, suas relações tornam-se mais pessoais e rotinizadas” (RABELO; SANTOS, 2011, p. 192). Nesse momento, o rodante aprende a *firmar seu ori* (se concentrar e preparar sua mente e corpo para receber o espírito), confiar mais e se entregar para o transe (relaxar e deixar a entidade controlar seu corpo), e a entidade aprende as regras da casa e prova para o sacerdote que já está firme para aconselhar com responsabilidade as pessoas.

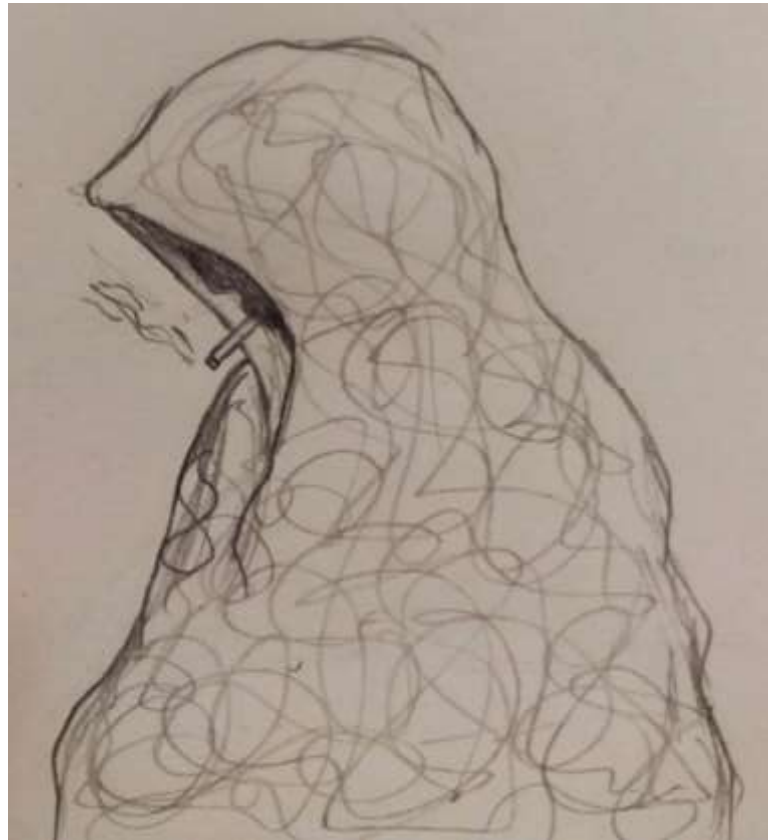
Com as observações do campo notei que nas primeiras incorporações do iniciante é comum a queixa de insegurança e da confusão em identificar quando ele mesmo está movendo seu corpo e quando é a entidade. Nesse processo, muitos costumam *travar* seus guias: resistir à incorporação ou à movimentação do corpo. Ao notar isso tanto os cargos mais velhos quanto as entidades repreendem o comportamento do filho, e assim vai se treinando o corpo e a mente do médium para o fortalecimento da incorporação. Rabelo e Santos afirmam: “Se os filhos de santo novos aprendem sob o comando mais ou menos rígido dos mais velhos, também são instruídos e disciplinados pelas próprias entidades” (RABELO; SANTOS, 2011, p. 197). No campo, ocorriam muitas ocasiões onde os iniciantes desencorporavam de forma abrupta, caindo, e se sentindo bêbados, o que eles chamam de *apanhar*: “a entidade *bateu* no fulano” ou “ele *apanhou* da entidade”.

De forma semelhante acontece com as entidades: inicialmente elas são caracterizadas na religião como espíritos “sem doutrina”, o que significa que a entidade ainda não está treinada e adaptada às regras da casa. Por conta disso é comum nas primeiras incorporações as entidades se comportarem em divergência com o *ilé*. Para controlar e doutrinar essa entidade, os cargos barganham as ofertas: impedem que eles fumem e bebam até que ela ganhe a confiança da casa. Os espíritos que persiste em desencorporar de forma violenta são também repreendidos pela *ekéji* ou pelo sacerdote. Como mencionei acima, segundo Rabelo e Santos “[...] no candomblé as entidades também ocupam a posição de aprendizes. Fazem-se junto a seus filhos humanos e, como eles, precisam ser disciplinados, precisam ser introduzidas à dinâmica relacional do terreiro e aprender seu lugar nesta dinâmica” (RABELO; SANTOS, 2011, p. 198).

Depois de alguns meses incorporando e já bem familiarizada com sua Pombogira, Ithala começou a sentir uma energia diferente: seu Exu estava mais próximo que nunca. Segundo relatos de rodantes mulheres, a energia dos exus tende a ser mais densa e a incorporação mais brusca. Uma das primeiras experiências que a Ithala teve com seu Exu foi a de começar a ver espíritos e sentir muito medo, estranhando a situação, não conseguimos identificar o que estava acontecendo. Fomos então para o terreiro: lá descobrimos que era o Exu, ainda não doutrinado, *batendo* nela. Percebendo isso, o Babalorixá repreendeu o ocorrido e afirmou que o Exu não poderia fazer isso: começava então o processo de aprendizado e doutrinação do Exu.

Além da atitude do Babalorixá, o que me chamou mais atenção nas relações de aprendizado desse caso foi a atitude da Ithala: ela também ensinou o Exu. Em seu momento de reza, teve uma conversa “franca e verdadeira” com ele e deixou claro seu limite: se essa situação voltasse a acontecer ela não trabalharia mais com ele porque não confiaria nele. Após isso o Exu não voltou a *bater* nela. Aqui tanto rodante quanto entidade ficaram na posição de ensinar e aprender e fortaleceram a relação de confiança que é essencial para o desenvolvimento e trabalho espiritual.

Figura 22 - Desenho, Exu



Fonte: Autoria própria, 2025.

Portanto, o conhecimento prático que é construído no terreiro vêm de todos os lados, dos filhos iniciantes, dos mais velhos, do sacerdote e cargos e das entidades, por isso, talvez, exista um senso de coletividade maior do que nas religiões cristãs. Vemos como a experiência de terreiro é por si só contra-colonial (BISPO, 2015) e se caracteriza como uma prática da resistência negra. Aqui nesse trabalho as entidades também são pensadores que ajudaram a construir a pesquisa e o conhecimento do terreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho examino a confluência (Bispo, 2015, p. 89) de três aspectos importantes da minha vida: a arte, a espiritualidade e a antropologia. A partir desses três, proponho reflexões no campo do aprendizado como treino da atenção (INGOLD, 2010), busca pelo autoconhecimento e a possibilidade do resgate da origem e ancestralidade negra. Ou seja, esta etnografia pretendeu trazer como o ingresso na religião, a partir do trabalho no Ilé Asé Alaketu Ogun Layo, contribuiu para a sensibilização e treino da visão e possibilitou um contato mais profundo com meus antepassados já falecidos, desencadeando uma pesquisa da minha origem e da minha linhagem ancestral.

Inicialmente, o foco do trabalho foi discutir a importância dos desenhos para a pesquisa etnográfica. Como ele pode ser uma boa ferramenta para registrar e produzir conhecimento do campo, ao passo que exige do pesquisador um olhar atento e minucioso. Depois, o trabalho explora minhas observações no terreiro que levaram a uma reflexão sobre minha ancestralidade e a origem dos meus antepassados.

Já ao final, abordo mais pontualmente o aprendizado no terreiro: como é essencial o desenvolvimento da visão que enxerga com o olho e com o corpo, para assim, ver o invisível, sentir e desconfiar. Nessa seção, destaco dois enfoques: meu aprendizado como *ekéjì* e o aprendizado dos rodantes da casa. Tendo, aqui, o aprendizado como o que Ingold sugere como educação da atenção (2010), na qual a habilidade é desenvolvida com uma observação atenta e engajada a partir de uma prática orientada. Onde a relação corpo, mente e ambiente fazem parte da construção desse conhecimento.

Ou seja, as relações teóricas que foram apresentadas dão luz às várias formas de aprendizado da visão mais aprofundada, onde se analisa o que está à primeira vista e o que está além. É a visão que enxerga o invisível, os sentimentos, as sensações e as comunicações veladas. Permitindo o desenvolvimento de uma Vitória-antropóloga, Vitória-artista e Vitória-*ekéjì* e as confluências (BISPO, 2015, p. 89) dessas três: uma antropológa-artista-*ekéjì*, em referência à Luyana Ladislau (2018, p. 27) e à Aina Azevedo (2024, p. 372).

Além disso, a experiência dentro de um terreiro com um trabalho ativo e desenvolvimento espiritual se mostrou uma grande ferramenta para o autoconhecimento, onde trabalhei o treino da visão no âmbito interno pessoal e no âmbito externo coletivo. Portanto, este trabalho é uma autoetnografia na qual tentei ao máximo me descortinar e mostrar a minha visão e a minha experiência. Suprindo minha inquietação de escrever sobre algo no qual eu estou incluída, dando o destaque que sempre me foi negado e do qual sempre fugi por proteção.

É a materialização do que a Malandragem nos ensina: “[...] a se conectar com a gente e não se barganhar” (Babalorixá Paulo ty Ogun, 2025).

Finalizo este trabalho dando luz à importância das religiões afro-brasileiras para a preservação cultural e autoconhecimento. Ao passo que valoriza a ancestralidade negra e permite uma comunicação mais direta e frequente entre os vivos e seus ancestrais. Destaco também que a análise da minha própria experiência segue o conceito de Escrivência de Conceição Evaristo: a escrita de mulheres negras não diz respeito apenas à sua individualidade, ela sempre abarca uma coletividade. Portanto, a partir da minha vivência no terreiro de Candomblé exponho reflexões que são também coletivas, além de abarcar a comunidade do terreiro: iniciantes, mais velhos, rodantes, cargos e entidades.

Por fim, destaco que este trabalho foi realizado com a contribuição de muitas pessoas e espíritos: Babalorixá Paulo ty Ogun e todos os cargos do Ilé, filhas e filhos com os quais conversei e troquei, entidades que conversei e pedi aconselhamento e força para concluir essa monografia, entre elas, Zé Pelintra, Maria Padilha Cigana, Maria Mulambo, Pombogira Menina, Exu Ventania, entre outros e em especial minha namorada Ithala Geamonond.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Jean Souza dos. **Amor, festa, devoção: a rainha Pombagira Sete Encruzilhadas**. 2019. 158f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Centro de Humanidades, Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia Social, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/50245>. Acesso em: 03 mar. 2025.

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan./ jun. 2016a.

AZEVEDO, Aina. O Tarô Etnográfico de Marseille: meu antídoto metodológico. **Iuminuras**, Porto Alegre, v.25, n.69, p. 368-387, dez. 2024.

AZEVEDO, Aina. Um convite à antropologia desenhada. **METAgaphias: metalinguagem e outras figuras**, v.1 n.1 (1), mar. 2016b.

BASQUES; Messias. Lagrou, Els. A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre), Rio de Janeiro, TopBooks, 2007, 565 pp. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2007, v. 50 nº 1.

BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos, Modos e Significados**. Brasília: INCTI, 2015.

BYLAARDT, Marina Paulino. A dança do mito no aprendizado dos Kene: a aquisição da arte pelo povo Huni Kuĩ. **Jamaxi**, UFAC, ISSN 2594-5173, v. 3, n. 2, 2019.

CAVALLO, Giulia. Uma etnografia gráfica como forma de afeto e de memória: aflições, espíritos, e processos de cura nas igrejas Zione em Maputo. **Etnográfica**, vol. 28 (3): p. 803-823, out. 2024.

DICIONÁRIO YORUBA. Ase Dan Fe Ero. Disponível em: <https://www.axedanfeero.com.br/candombl%C3%A9/1%C3%ADngua-yor%C3%B9b%C3%A1/dicion%C3%A1rio-yoruba>. Acesso em: 28 abr. 2025.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1984. Disponível em: https://yoga.paginas.ufsc.br/files/2013/09/Desenhando_com_o_lado_direito_do_cerebro-Betty_Edwards.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (org). Mina Comunicação e Arte: 1.ed., Rio de Janeiro, 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record: 8.ed., Rio de Janeiro, 2004.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n. 1, p.6-25, jan./abr. 2010.

KILOMBA, GRADA. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. ed., Editora Cobogó, 2019.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014.

LADISLAU, Luyana Adrielle Almeida. **Quem conta um conto aumenta um ponto**: uma autoetnografia sobre educação mediúnica por vias espiritualistas. Orientador: Doutor Henyo Trindade Barretto Filho. 2018. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/25176/1/2018_LuyanaAdrielleAlmeidaLadislau_tcc.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

OGBEBARA, Awofá. **Igbadu: a cabaça da existência**: mitos nagôs. 2. ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

PAULA, Flavio José de; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Iemanjá, da África para o Brasil: mitologia e identidade. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 26, n. 2, jul./dez. 2023, p. 227-242.

RABELO, Miriam C. M.. Aprender a ver no candomblé. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 229-251, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200010>. Acesso em: 28 abr. 2025.

RABELO, Miriam C. M.; SANTOS, Rita Maria Brito. Notas sobre o aprendizado no candomblé. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 35, p. 187-200, jan./jun. 2011.

SÁ, Bianca Floresta de. **Autoetnografia**: ensaio sobre o método. Orientador: Doutor Márcio Ferreira de Souza. 2024. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/43759>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural – Revista de Ciências Sociais**, v.24(1):214-41, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

YEMANJÁ. Candomblé: O Mundo dos Orixás. Disponível em: <https://ocandomble.com/os-orixas/yemonja/>. Acesso em: 28 abr. 2025.